

O ENSINO RESSIGNIFICADO: DA REVOLUÇÃO DO EU PARA AS REVOLUÇÕES DO TU

Dom Bruno Carneiro Lira, OSB¹
Supervisor Pedagógico da EJA do
SESC Santo Amaro.
Professor Adjunto de Educação
Instituto de Ensino Superior de Olinda.

O ato de ensinar constitui a essência do ser humano. Mesmo que indiretamente, estamos sempre ensinando; somos observados e imitados. Durante muito tempo, a escola que chamamos de tradicional trabalhou com um currículo nos moldes medievais que já trazia o que deveria ser estudado para a ascensão social. Aliás, esta é a finalidade do ensino que perpassa no consciente imaginário dos nossos dias. No entanto, o ensino deve estar posto em favor do estudante, ou seja, que o aprendiz encontre significado naquilo que estuda a fim de colocá-lo em suas realidades diárias, com a finalidade de uma transformação social, a melhor qualidade de vida do planeta e, conseqüentemente, do homem. Portanto, ensino e aprendizagem caminham juntos, pois se não fosse assim, o ato de ensinar seria estéril.

Com o advento das teorias modernas da educação, como o Construtivismo, o Sociointeracionismo e o ensino inclusivo, que utilizam as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), temos práticas didáticas mais prazerosas e com uma real finalidade social. Daí a importância dos conhecimentos prévios trazidos pelos alunos no momento da construção do currículo. Como sabemos, a doutrina Behaviorista portava uma ideia de que o ser humano era uma tábula rasa, uma página em branco, com tudo para ser construído pela escola através do professor, o “detentor

¹ Membro da Academia Olindense de Letras. Supervisor Pedagógico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do SESC – Santo Amaro (PE). Professor Adjunto do IESO (Instituto de Ensino Superior de Olinda) e FACCOR (Faculdade de Ciências Contábeis do Recife). Autor de livros nas áreas da Linguagem, Educação e Liturgia pela Editora Paulinas e na área de espiritualidade-liturgia pelas Editoras Vozes, Paulus e Liceu. É monge do Mosteiro de São Bento de Olinda e Reitor do Oratório de São José dos Manguinhos – Recife-PE.

do saber” e “dono da verdade”. Esta visão educacional era classificada pelo nosso professor Paulo Freire como uma educação bancária, tudo estava por ser depositado na mente do aluno.

Digo professor, porque educadores todos são uns dos outros. Por exemplo, um pai, mesmo analfabeto, poderá educar seus filhos para o bem, a honestidade, os valores altruístas, mas não é um professor, ou seja, não estudou para a arte de transmitir o saber: elaborar planejamentos, avaliações significativas, planos de aula, preenchimento de diários de classe, replanejar, construir projetos didáticos, trabalhar de maneira interdisciplinar... Aqui, queremos deixar bem clara, a nossa visão de educador e professor, este é o técnico do ensino por vocação e se realiza ao ver o aprendizado através dos objetivos traçados com a sua intenção de ensino. Portanto são os objetivos, intenções definidas e o aprendizado, as fontes do trabalho pedagógico ressignificado. Em meu livro **Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**, digo:

A aprendizagem, portanto, acontece inserida no meio social dos indivíduos com possibilidades criadas pelas constantes mediações do sujeito e de determinado contexto sócio-histórico que o rodeia. Para que o aprendizado ocorra de fato, faz-se necessário que os conteúdos ensinados aos estudantes tenham significado e que possam criar novas potencialidades como fontes futuras de significados em um processo contínuo e dinâmico de ressignificação. Isso ocorre quando o currículo é elaborado a partir da realidade dos discentes, pois é no cotidiano que eles vão aplicar os novos conhecimentos. (LIRA, 2016, p. 28).

Portanto, os novos conhecimentos com sentidos construídos pelos alunos são resultados de interações com os professores, colegas, pais, amigos. Tudo forma um conjunto significativo no ato de aprender e, como vimos acima, os contextos sócio-históricos são importantes nesta construção.

Defendemos a seguinte tese: antes que todo tipo de revolução social ocorra, primeiramente, dá-se no eu; lá no interior de cada um de nós. As contradições

interiores fazem parte da constituição humana e geram inquietações. Para os que têm fé, já dizia Santo Agostinho², no século IV, em suas Confissões: *“Fizeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti”*. Portanto, o homem sempre estará inquieto, em busca de algo e quando encontra, parte para novas procuras e, às vezes, se rebela contra si próprio, contra o outro ou determinada situação social. Tendo dentro de si revoltas contra alguma situação, procura parceiros de ideais e a revolução está institucionalizada. Portanto, **da revolução do eu para as revoluções do tu.**

Como ensinar aos nossos alunos, de maneira significativa, um determinado fato histórico de importância para o nosso estado, como por exemplo a Revolução Pernambucana Valendo-se das novas concepções de ensino. Em primeiro lugar, partindo de uma leitura crítica da realidade atual. Não estaríamos vivendo a mesma situação? Os governantes de hoje, não mais portugueses e sim brasileiros, estão sendo honestos? As lideranças pensam no povo em geral e, sobretudo, nos mais pobres? Parece-nos, também em nossos dias, termos uma revolução já latente no eu das pessoas e que já chega ao inconsciente coletivo com várias manifestações do tu: movimentos sociais em efervescência, constantes greves e protestos. Lendo a realidade atual, como transformá-la?

Se, no caso, a aula de História do Brasil, começasse com esta premissa, ela despertaria o interesse dos alunos que dariam um significado ao fato do passado, a Revolução dos Padres do século XIX e, comparando com a situação do hoje, tentariam soluções para esta problemática revolucionária das desonestidades e furtos que permeiam o nosso país não muito diferente dos desmandos da Família Real empreendidos aqui nos inícios do século XIX. A presença marcante da Igreja se deu pela bravura do Frei Caneca que não suportou tantas desigualdades sociais. Assim, como este nobre religioso, a Igreja dos nossos dias ainda condena as desigualdades sociais e continua fazendo a sua opção preferencial pelos pobres, excluídos e fracos. Como nos diz o Santo Padre, o papa Francisco em seus constantes

² Disponível em: <log.cancaonova.com/padreluizinho/2012/08/28/santo-agostinho-“inquieto-esta-o-nosso-coracao-enquanto-nao-repousa-em-ti”/>. Acesso em: 18.11.2016.

discursos, que a Igreja deve pôr-se a serviço dos pobres, à escuta do povo, à escuta de Deus. E comunicar a verdade, a bondade e a beleza nas pessoas. Essa é a missão da Igreja, segundo o atual papa. Portanto, uma revolução em favor da inclusão social e da igualdade entre os seres humanos.

Partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, faz-se necessária, também, uma prática didática interdisciplinar. Para Lira (2016 p. 48-49):

O professor sociointeracionista também é um parceiro da interdisciplinaridade. Por ser um indivíduo aberto aos vários contextos e situações, vai em busca de inter-relacionar os saberes, em vez de desconstruí-lo de maneira fragmentada. Esse paradigma, fruto da Teoria Positivista, que separa as ciências por áreas de atuação, levou as escolas a dicotomizar os diversos conhecimentos e esquecer a globalidade do mundo e do homem. A verdadeira cultura é aquela que inter-relaciona os saberes acumulados, sempre na perspectiva de melhorar e aprimorar a qualidade de vida da humanidade. Sendo a realidade a qual o ensino propõe-se levar o aluno a conhecer um fenômeno múltiplo e diversificado e, como todos os conhecimentos e interpretações somente explicam parte dessa realidade, o ato de conhecer permanece sempre inacabado. É importante, portanto, cultivar uma perspectiva e atitudes voltadas para a superação de visões de qualquer ordem, sem encobrir o ambíguo e o diferente.

Daí a importância do respeito aos diversos pontos de vistas, como também à relatividade da ciência que sempre está fazendo novas leituras e descobrindo verdades antes não vistas. Por isso, é importante o professor ter uma boa formação inicial e continuada para que se abra a uma atitude mais abrangente de saber, de ensino e de verdades. O bom professor tem sempre uma intenção de ensino bem clara e deverá ensinar até que os alunos aprendam, pois esta é a sua função social. Ele, também, avalia para replanejar, estabelecendo uma verdadeira troca entre os conteúdos de ontem e os de hoje. A sociedade espera que este novo profissional do

ensino possua um **saber** consistente, um **fazer** para transformação social e uma **ética** condizente com a sua profissão de ressignificar saberes.

Outro fator importante nesta construção do ensino ressignificado é a ferramenta que surge fortemente para auxiliar as atuais práticas de ensino: as novas tecnologias da informação e da comunicação que fazem uso das linguagens verbais e não-verbais nas redes sociais em diversos gêneros e suportes. Tais tecnologias digitais garantem a interação entre os usuários com mais rapidez, facilitam a busca imediata da informação, tornam-se novos recursos para os atuais métodos e procedimentos de ensino, além de mediarem os conhecimentos a serem aprendidos significativamente e postos em prática para a transformação das realidades, a fim de que as revoluções do eu e dos “tus” cedam lugar à paz interior e social.

Dentre esse universo informático, encontramos fortemente vários textos que trazem, praticamente, todos os fatores da textualidade em diversos suportes. Da famosa categorização dos linguistas *Beaugrande e Dressler*, encontramos:

1. A **coesão**: aspecto fundamental para os ligamentos (conexões) do texto, constituindo-se da harmonia entre os seus elementos. As frases e os parágrafos entrelaçados determinam a continuidade do texto.³ Observemos o seguinte fragmento: *Os cristãos fizeram um protesto contra o aborto **porque** consideram esta prática um pecado. **Porém**, os bispos reforçaram esta atitude através de uma carta, **uma vez que eles** comungam da mesma doutrina, **ou seja**, que tal pecado é um rompimento com o quinto mandamento da Lei de Deus.* As palavras destacadas têm o poder de ligar as partes do texto, responsáveis, portanto, pela coesão textual.

Palavras de transição são aquelas que estabelecem relações entre os enunciados (orações, frases, parágrafos), podendo ser: preposições, conjunções, alguns advérbios e locuções adverbiais. Vejamos alguns exemplos de palavras e expressões de transição: inicialmente, primeiramente, antes de tudo, desde já, além disso, ainda por cima, enfim, dessa forma, em suma, atualmente, assim também, conforme, por exemplo, então, ou seja, (explicativo).

A coesão por referência ocorre quando certas palavras fazem referência a outras anteriores (referência anafórica) ou posteriores (referência ou coesão

³ Confere em: <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/coesao.htm>>. Acesso em: 24.11.16.

catafórica), por exemplo, os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e advérbios de lugar. No texto acima, o vocábulo, **eles**, faz referência aos bispos, portanto, uma coesão referencial anafórica, pois a palavra referenciada foi escrita anteriormente.

2. A **coerência**: é fruto de uma coesão bem feita, fazendo com que o texto seja entendido em sua plenitude. É a característica daquilo que tem lógica, ou seja, quando um conjunto de ideias apresenta nexos e uniformidade. Para que algo tenha coerência, este objeto precisa apresentar uma sequência que dê um sentido geral e lógico ao receptor, de forma que não haja contradições ou dúvidas acerca do assunto. Portanto, são os elementos textuais bem ordenados que no momento da interpretação, vão dando sentidos aos textos, sejam eles verbais ou não-verbais.

3. A **intencionalidade**: ao pronunciarmos ou escrevermos os nossos textos sempre temos uma intenção. Decorrem daqui os seguintes questionamentos: O que vou dizer? Para quem vou dizer? Por que vou dizer? Portanto, o autor tem sempre uma intenção ao veicular sua mensagem.

4. A **aceitabilidade**: liga-se ao receptor que poderá aceitar ou refutar a mensagem. Isso se dá por perspectivas diferentes de ideias e teses. Mas, como sabemos, é na revolução interior, nas antíteses e contradições que se chegam às novas descobertas científicas.

5. A **informatividade**: todo texto traz algo novo; aprendemos alguma coisa, uma nuance diferente, um detalhe. Esses teóricos falam de elemento **novo** e **dado**, este último é aquilo que nós já sabemos que vai dar base de sustentação ao novo.

6. A **intertextualidade**: parte da ideia de Bakhtin⁴ de que todo discurso é polifônico, ou seja, possui uma série de outras vozes que ajudou a formá-lo. Portanto, existe

⁴ Linguista, filósofo e pensador russo que se debruçou nos estudos sobre a Polifonia do Discurso, ou seja, os discursos literários são atravessados por outras vozes que são as nossas



**Partilhar experiências,
conectar futuros**

www.tecnologianaeducacao.com.br

escutas e leituras anteriores de outros autores. A lingüística moderna toma essa ideia de

uma intertextualidade direta, quando se citam, literalmente, determinados textos de variados autores e uma intertextualidade indireta que todos nós possuímos, até os analfabetos, fruto do nosso contato oral ou escrito com outros interlocutores. Podemos dizer que todo texto é um intertexto. Com o mundo digital surge um novo termo dentro da linguística, o hipertexto que são os “famosos” links, que nos remetem a outros textos, sempre com a finalidade de aprofundar temas e abrir novos horizontes.

7. A **situacionalidade**: este fator liga-se à pragmática, ou seja, aos contextos de usos, produção e recepção dos textos. Por exemplo, para se entender o motivo de Paulo Freire ter escrito uma obra intitulada: **A pedagogia do oprimido** faz-se necessário saber que o contexto de produção era o exílio, a repressão. O autor estava no Chile, na época da ditadura militar no Brasil, escrevendo que os opressores não deviam oprimir e que os oprimidos deviam problematizar e não se deixar oprimir, daí o nascimento da educação problematizadora para se chegar às soluções.

Mas, por que dissertamos sobre os fatores da textualidade? Porque eles são fundamentais dentro do processo de um ensino significativo. A escola tradicional só dava uma interpretação aos textos, aquela que era aceita pela comunidade científica como a mais correta e coerente, esquecendo-se, totalmente, do lado do destinatário da mensagem, as experiências de mundo do leitor ou ouvinte. O ensino ressignificado coloca o aprendiz no centro do processo e seus contextos são fundamentais para a aprendizagem e criação dos novos conhecimentos. É por isso que, dentre os fatores da textualidade, nesta perspectiva, destacamos a intenção, a aceitação, a nova informação, a intertextualidade e a situacionalidade.

Tais textos são, em sua grande maioria, veiculados hoje pelas TICs e a aplicação dessas novas tecnologias nas práticas didáticas é uma realidade que não poderá ser mais evitada. Daí a necessidade de uma formação adequada para os professores a fim de que, já na graduação, possam adquirir um amplo conhecimento das novas estruturas digitais.

O ensino ressignificado, já no ato de planejar, deve partir de eixos temáticos e temas geradores que tenham sentido para os discentes. Por exemplo, um eixo temático chamado: *O corpo humano e suas necessidades*, teria como tema gerador: *Alimentação*. Nesse momento é que surge o conteúdo a ser trabalhado: *hábitos alimentares, higiene da água, tecnologia de produção de alimentos, pirâmide alimentar, alimentação saudável*. Outro tema gerador dentro do mesmo eixo poderia ser: *Reprodução*. Os conteúdos seriam: *ciclo da vida, sexualidade, natalidade, planejamento familiar, gravidez e trabalho, doenças sexualmente transmissíveis*.

Outro eixo temático poderia ser: *A revolução de 1817*, que teria como tema gerador: *Da revolução do eu para as revoluções do tu*. Aqui, poderiam ser apresentados os seguintes conteúdos: *Ideias iluministas, maçonaria, gastos com a Família Real, deficiência nos salários, revolução dos trabalhadores e das classes menos favorecidas, a importância dos padres no processo de formação das consciências dos oprimidos, a atividade de Frei Caneca....*

O ensino significativo deste início de milênio não poderá esquecer este caminho pedagógico: eixo temático, tema gerador e conteúdos, sendo totalmente inclusivo. Os incluídos são os alunos que possuem necessidades especiais e dificuldades de aprendizagem; aqueles que já estão fora de faixa etária e, ainda, não concluíram a Educação Básica (para isso, hoje, tem-se a Educação de Jovens e Adultos, a EJA). O ensino cooperativo, com práticas pedagógicas diferenciadas, que enfatizam as possibilidades e não as deficiências, se faz fundamental. E, sobretudo, um trabalho pedagógico de qualidade, pautado na solidariedade e equilíbrio entre o lógico, o intuitivo, o sensorial, o afetivo e o social (do eu para o tu e vice-versa).

Assim, os estudantes aprenderão a SER e a PENSAR para TRANSFORMAR. Por isso a necessidade de uma parceria com todos os atores do processo educativo: pais, demais familiares, funcionários da escola, professores, colegas, direção, supervisão...

Outra reflexão importante a ser feita aqui é a que se refere à construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, pois é um documento de fundamental importância para as vivências diárias, pois traz a filosofia da instituição e as metodologias, assim como, os objetivos desejados. Esse documento deverá ser elaborado com toda comunidade escolar e revisitado, tendo em vista futuras mudanças, se necessárias, pelo menos a cada três anos, já que o mesmo leva em

consideração as transformações históricas e contextuais dos agentes da educação. É o PPP que norteia as propostas curriculares. Sabemos que existem três tipos de currículo, que é o caminho desejado para que se chegue à formação proposta pelo PPP para cada estudante. O **currículo real** como aquele que apresenta uma seleção de conteúdos para determinada série os quais, na visão do professor, são úteis para a formação integral de determinada área do saber que sempre interage com as outras, para não se perder o valor da interdisciplinaridade. Já o **currículo prescrito** é aquele que está posto oficialmente pelos órgãos públicos, ou seja, o tronco comum básico que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) deseja como objetivo de aprendizagem escolar para os cidadãos brasileiros. E, finalmente, o **currículo oculto**, aquele que surge nos contextos de aula, a partir das dúvidas dos estudantes e tendo como base fatos relevantes que aconteçam no país e no próprio entorno das escolas e residências dos discentes e docentes. Tais acontecimentos deverão ser discutidos e analisados em sala de aula na perspectiva de se estabelecer propostas de mudanças.

Ainda na perspectiva de um ensino ressignificado que revolucione e transforme para melhor as realidades, apresentaremos, agora, uma proposta de perfil para os professores do século XXI. Em primeiro lugar, como já dissemos, uma boa formação inicial e continuada, pois este profissional não é mais só aquele que informa, para isso existem os smartphones, como também, a internet em outros portadores tecnológicos da informação. Mas, o professor tem uma nobre função que a máquina não pode substituir: ser o mediador entre a informação (o conhecimento) e a vida. É aquele que faz a aplicação dos conhecimentos, com ética, para que ocorra o humanismo tão necessário na sociedade em que estamos inseridos. Esse novo perfil de professor utiliza a avaliação para tomada de decisões; dá importância ao pensamento de todos os estudantes; trabalha de maneira holística; considera-se sempre um aprendiz; preocupa-se com as questões ambientais e de sustentabilidade; é um pesquisador; educa para o fazer e para o AMOR em oposição ao egocentrismo; é um líder que trabalha em equipe e, sobretudo, faz constantes autorreflexões de suas práticas para poder melhorá-las e atingir o seu objetivo que é a aprendizagem.

No ato de avaliar para tomar decisões, ele planeja e replaneja quantas vezes forem necessárias para que todos aprendam. São importantes as seguintes indagações que brotam do seu eu de professor: O que vou ensinar? Para que vou

ensinar? Por que vou ensinar determinado assunto? Como ensinar? Essa última, liga-se à metodologia e aos recursos de aula, os quais não deverão ser esquecidos, os novos suportes textuais do mundo digital.

Vemos aqui que, o ensino ressignificado e de qualidade distingue-se pela qualificação do professor, pela qualidade dos materiais didáticos, com boas instalações escolares, com saúde e nutrição dos estudantes e, ainda, pela eficácia da administração e gestão escolar.

Quanto à revolução digital dentro das práticas didáticas, Demo (2001, p.137) já dizia:

Na sociedade do conhecimento, a *teleducação* comparecerá provavelmente em todos os espaços educacionais, para melhor e por vezes para pior. Seu maior problema é que propende para o instrucionismo, porquanto prefere restringir-se a processar informação e repassá-la para frente. Apesar de sua extraordinária potencialidade, tem permanecido como “telensino”, muitas vezes apenas interessado a “enfeitar” a aula. Seu grande desafio é descobrir a aprendizagem de teor reconstrutivo político, fazendo aparecer em seu espaço formação, para além da informação. Em alguma medida, a tendência instrucionista provém da discussão em torno da inteligência artificial, centrada no processamento de dados e tendo como pano de fundo a teoria representacionista da realidade.

Como vemos, Pedro Demo fez uma profecia, em 2001, do que estaria para acontecer. Já temos em todos os espaços educacionais, mesmo que de maneira informal, a presença de telefones celulares com internet (smartphones); lousa interativa, computadores, data-shows... Mas, o problema é o mesmo que vislumbramos hoje, fica só no instrucional e no repassar conteúdos, esquecendo-se do aprender para a prática ética e humanista. Por isso, o autor acima diz que se faz necessário descobrir uma aprendizagem de teor reconstrutivo político, no verdadeiro sentido do termo, em oposição à politicagem egocêntrica, “fazendo aparecer espaço

para a **formação** para além da informação”. A realidade não é mera representação, mas momento de luta social para conquistas maiores e nobres que só a verdadeira educação poderá oferecer.

É por isso que defendemos a ideia de que o foco do ensino formal seja mediado pelo professor **que forma** (diferente de, apenas, informar como a máquina). Também, não se devem abandonar os conteúdos acumulados pela humanidade, como por exemplo, a reflexão que estamos integrando neste artigo, a Revolução Pernambucana de 1817, já que esse fato tem grande repercussão nos dias atuais, pois vivemos em um contexto histórico parecido com o de duzentos anos atrás: divisão de classes, roubos, desonestidades, gastos desnecessários, escravidões camufladas.... Uma verdadeira revolução, agora no início do século XXI. É importante que se estude o passado à luz do presente para se chegar às sínteses que possam, pelo menos, tentar solucionar a problemática das revoluções do eu e dos tus deste momento da nossa história. Utilizam-se conteúdos do passado para que os estudantes adquiram habilidades novas e alcancem as competências exigidas para o novo profissional do século XXI. Por isso, que o professor deverá, sempre, estabelecer laços de relações significativas em suas práticas. Assim, ele será um profissional insubstituível e singular, além de se tornar agente e modelo para os novos cidadãos do Brasil, formando consciências HONESTAS, HUMILDES, HUMANAS, FRATERNAS, COOPERATIVAS e INTEGRADAS.

Creemos ter refletido aquilo que propomos no título deste artigo, que deseja inquietar consciências diante do quadro político, social e econômico que está sendo “pintado” em nosso país neste início do terceiro milênio.

O ensino ressignificado dá sentido e motivação para os estudantes permanecerem na sala de aula com prazer, enquanto facilita a aprendizagem de maneira consciente, revolucionando o eu que impulsiona os tus a se unirem em busca de causas nobres como foi a Revolução Pernambucana de 1817.

Referências

1. DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001. – (Guia da escola cidadã; v.6).
2. HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**: com a nova ortografia da Língua Portuguesa. 4ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
3. LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas pedagógicas para o século XXI**: a sociointeração digital e o humanismo ético. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.